

Autor: Teodoro Ferraz da Câmara  
Editor proprietário: Manoel Caboclo e Silva  
Por compra a Joaquim Batista de Sena

# A ESTORIA DE CECILIA AFRA (Três Suspiros de uma Esposa)



Editor Proprietário:  
Manoel Caboclo e Silva

---

## **História de Cecília Afra**

TRÊS SUSPIROS DUMA ESPOSA

Neste romance se ver  
o sol da graça luzir  
a inocência chegada  
de entre as trevas sair  
romper-se o véu da infâmia  
e um novo clarão surgir

O mundo é um drama trágico  
o homem um ser perseguido  
a vida um barco cansado  
o tempo um rei prevenido  
no tempo o tempo desanda  
e dá o seu «prometido»

Houve a uns séculos na Grécia  
um marceneiro afamado  
viúvo de bons costumes  
e por Antenor chamado  
pai de um casal de filho  
a quem se leva o tratado

Afonso e Cecília Afra  
eis os filhos de Antenor  
Cecília para adorá-la  
esmerou-se o Criador  
tinha a inocência da ave  
e a castidade da flor

Dá-se que de Zanzibar  
o sultão tendo ciência  
desse grande marcenário  
escreveu-lhe com urgência  
pra fazer-lhe uma mobília  
mesmo em sua residência

Ele recebendo a carta  
de tudo tomou coragem  
participou logo o plano  
de Zanzibar a mensagem  
Afonso aceitou o plano  
e combinaram a viagem

Antenor pôs-se a pensar  
quando e como partiria  
pensando deixar o lar  
sem nenhuma companhia  
e Cecília com quem ele  
amparada a deixaria

Ao mesmo tempo lembrou-se  
que perto morava um padre  
de sua maior estima  
na Rua da Virgem Madre  
padrinho de sua filha  
e seu legitimo compadre

Foi ao compadre e disse:  
--Eu parto pra Zanzibar  
meu compadre tome conta  
de minha filha e meu lar  
faça as despesas que eu  
muito breve hei de voltar

Ali disse para a filha:  
—Lhe entrego a seu padrinho  
ele lhe vigiará  
fará tudo direitinho  
evite o mal que puder  
não saia do bom caminho

Já o navio no porto  
dava sinal de partida  
embarcou junto com o filho  
atrás do metal da vida  
com oito dias chegaram  
e começaram na lida

Quando completou um mês  
ou já na casa de mais  
este padre certa noite  
por arte de satanaz  
foi declarar a Cecília  
seus amores sensuais

Cecilia repreendeu-o  
lhe dizendo: —Meu padrinho  
o senhor como pastor  
deve ensinar-me o caminho  
mas não jogar-me num crime  
infame, triste e mesquinho

Meu pai de entre os vizinhos  
tirou somente o senhor  
uma por ser meu padrinho  
e outra por ser pastor  
e o senhor não respeitar  
sua capa e meu valor?

—Não quero saber de nada  
 lhe disse o padre afinal  
 aproximou-se mais dela  
 com o furor dum chagal  
 Cecília nesta aflição  
 cravou-lhe então um punhal

Estando o padre ferido  
 perdeu ali toda ação  
 voltou pra casa arrancando  
 mil planos do coração  
 dizendo: —Hás de pagar-me  
 nos atos duma traição

Ali pegou duma pena  
 e anotou esta missiva:  
 —Excelentissimo compadre  
 leia esta narrativa  
 veja bem que sua filha  
 caiu na vida lasciva

Desde que o senhor saiu  
 que depravou-se a menina  
 já insultou-me três vezes  
 não respeitou a batina  
 tenho ocultado de todos  
 sua depravada sina

Não tenho gosto na vida  
 tudo para mim vai mal  
 fui lhe dar alguns conselhos  
 ela cravou-me um punhal  
 em cima do peito esquerdo  
 da qual me acho mortal.

Se conselho desse jeito  
 ela já estaria em paz  
 mas não lhe digo porque  
 me acho em dores mortais  
 o senhor já sabe tudo  
 e veja agora o que faz

Antenor recebe a carta  
 ficou quase alucinado  
 estudou milhões de planos  
 e só não ficou firmado  
 mandando matar a filha  
 para assim ficar vingado

Chamou o filho em delírio  
 e lhe autorizou assim:  
 —Vá matar Cecília, Afonso  
 que não honra mais a mim  
 quem é ruim é bom que morra  
 Deus ajuda a dar-se fim

Afonso como bom filho  
 também irado partiu  
 chegou as nove da noite  
 ninguém da cidade o viu  
 levava chaves no bolso  
 sem trabalho a porta abriu

Cecília estava rezando  
 pois nisso só se ocupava  
 quando lhe gritou Afonso:  
 —Vais morrer maldita escrava  
 tua culpa é sem perdão  
 teu mal fim já te esperava

Desde que aqui ficaste  
 que o nosso valor maltratas  
 agora vais sossegar  
 e a ninguém mais detratas  
 Cecília gritou em pranto:  
 — Meu irmão porque me matas?

Meu irmão eu não mereço  
 uma morte assim talvez  
 eu já sei que isto é um falso  
 que meu padrinho me fez  
 minha vida é oração  
 pedindo a Deus por vocês

Sou honesta como a flor  
 que da verde rama cai  
 só apenas uma coisa  
 sobre minh'alma recai  
 é punir a minha honra  
 e honrar meu velho pai

Afonso não resistindo  
 tanta comoção em si  
 disse: — Mana, és inocente  
 tua face chora e ri  
 diz-me agora o que eu posso  
 minha irmã, fazer por ti?

Pois meu pai dará crença  
 a minha declaração  
 dá muito valor ao padre  
 pois lhe é de estimação  
 pra eu dizer ao contrário  
 me bota até na prisão

Respondeu Cecília: — Afonso  
 temos esta cadelinha  
 vá me botar numa ilha  
 quero lá, viver sozinha  
 tire a língua da cadela  
 diga a papai que é minha

Disse Afonso: — Só assim  
 poderás mesmo escapar  
 as 12 horas da noite  
 trataram de viajar  
 foi deixá-la numa ilha  
 chamada Madagascar

A língua da cadelinha  
 tiraram pela metade  
 porém ela não morreu  
 foi grande a felicidade  
 Afonso disse: — Eu com essa  
 dou prova como verdade

Ficou Cecília, coitada  
 na ilha como perdida  
 com a pobre cadelinha  
 ainda bastante feia  
 ambas dum tamanho só  
 nos possuídos da vida

Em prantos e exclamações  
 ficou a pobre na ilha  
 dizendo: Jesus guiai-me  
 por uma bem viva trilha  
 bem vêes que por um tirano  
 meu pai matou vossa filha

Eu fui um ser vigoroso  
e de meu pai tão querida  
hoje nado em mar de trevas  
por todo mundo esquecida  
só tenho Deus por amparo  
e por recurso a pobre vida

O nevoeiro da morte  
baixou sobre mim veloz  
ainda ouvi da desgraça  
a sua tristonha voz  
hoje as feras me afagam  
dizendo: — Mora com nós

Fui abraçada do pranto  
da dor, da pena e quisília  
sentenciada a tirar  
a minha vida em vigília  
em que estado, ó meu Deus  
se acha hoje a Cecília

Oh! Virgem Mãe de Jesus  
ouvi aqui vossa filha  
consola quem peregrina  
sem luz, sem rumo, sem trilha  
comendo frutas silvestres  
quando encontro nesta ilha

Só vejo os raios do sol  
nas vagas do arvoredo  
o ruge-ruge das feras  
de manhãzinha bem cedo  
minha cama é este bosque  
o meu cobertor o medo

Que sorte tenho ó meu Deus  
que tudo de mim se esconde  
se como, não sei o que  
se durmo, não vejo aonde  
se choro, ninguém me afaga  
se chamo, ninguém responde

Que sorte durá esta minha  
sem pai, aqui desvalida  
junta com esta cadela  
que ainda vê-se ferida  
ficando sem sua língua  
para salvar minha vida

Vamos viver, cadelinha  
a ilha nos cabe bem  
o corpo nos cabe a vida  
as selvas frutinhas tem  
o sofrer ficou pra nós  
a morte depois nos vem

Meu pranto me serve água  
meu sofrimento de pão  
meus olhos pedem socorro  
e chora meu coração  
sou viva, porém não vivo  
sou desta ilha a visão

Vivendo a pobre Cecília  
nos braços do desespero  
um dia encontrou um oco  
no tronco de um castanheiro  
aonde dormia à noite  
e carpia o dia inteiro

A cabo dum ano e tanto  
o rei daquele país  
morreu ficando o império  
ao mando da imperatriz  
e de um filho solteiro  
Elesbão Péres Luiz

Os príncipes daquele tempo  
se divertiam em caçar  
um dia Péres Luiz  
para mais se deleitar  
foi fazer uma oaçada  
na ilha Madagascar

Quando chegaram na ilha  
os cachorros de repente  
traquejaram lego um bicho  
que correu rapidamente  
para o referido oco  
disse o príncipe: - Aquilo e gente

Disse o príncipe aos vassallos:  
--Vamos ver logo o que é  
só se tem galões de fama  
havendo coragem e fé  
quando se chegaram ao oco  
estava Cecília em pé

--Que fazes aqui mocinha?  
o príncipe lhe perguntou  
ela mui sobressaltada  
só um suspiro exalou  
estava nua, que o príncipe  
baixou a vista e chorou

Depois lhe deu uma síncope  
um sono leve pegou-a  
o príncipe pegou a capa  
e depressinha embrulhou-a  
com honra, respeito e zelo  
para o palácio levou-a

Quando chegou ao palácio  
fez instantânea a surpresa  
rainha, damas e tudo  
lhe admiram a beleza  
pois de verdade das damas  
matou toda boniteza

A rainha em poucos dias  
pegou dela se agradar  
muito educada e sabida  
sabia bem respeitar  
tinha tanta educação  
de fazer admirar

Cecília era no palácio  
uma jóia prasenteira  
por ser casta, era da corte  
predileta companheira  
e depois foi da rainha  
sua fiel camareira

O reino estando sem rei  
a rainha fez sinal  
casar o filho com ele  
pois ainda era afinal  
originária de sangue  
da família imperial

Casou Cecília com o príncipe  
Elesbão Pêres Luiz  
de campônia foi rainha  
de infeliz foi feliz  
mas o tempo dá um coice  
pra ver a sorte o que diz

Já decorriam três anos  
que estavam em união  
quando inesperadamente  
uma inimiga nação  
abriu guerra contra o reino  
lá se foi D. Elesbão

Não couduziu sua esposa  
por não poder viajar  
estava grávida, esperando  
no outro mês descansar  
recomendou-a e partiu  
na barca São Baitazar

Antes de sair lhe disse:  
— Minha mãe fica contigo  
quando descansar me mande  
por escrito algum artigo  
para eu mandar buscar-te  
passar uns tempos comigo

Nesta comitiva ia  
o padre que conquistou-a  
D. Elesbão não sabia  
e nem nenhuma pessoa  
do ocorrido forjado  
pelo varão da coroa

Cecília por sua vez  
tal coisa não revelou  
o padre se recolheu  
mesmo em casa se tratou  
e a respeito de Cecília  
ninguém mais não cogitou

Com quatro meses, Cecília  
dum menino descansou  
escreveu a Elesbão  
Elesbão se preparou  
e mandou então buscá-la  
a um vassalo ordenou

O vassalo já de posse  
da ordem, seguiu ligeiro  
chegando deu a Cecília  
o recado alviçarairo  
e logo no outro dia  
tomaram rumo certo

Nas águas do mar Egeu  
dois dias fora do lar  
o vassalo resolveu  
a sua honra manchar  
Cecília o renunciando  
ele jogou-a no mar

Ficando com a criança  
dizia: — Com esta eu faço  
um trama tão bem urdido  
que fujo do embaraço  
ali pegou dum punhal  
e apunhalou-se num braço

Chegando disse: —Monarca  
sua mulher eu dei fim  
que com 2 dias à bordo  
ela dirigiu-se a mim  
com matérias de amor  
porém eu neguei-lhe o sim

Ela como viu que eu  
não a quiz simpatizar  
armou-se contra mim  
e me pôde apunhalar  
eu agarrei-me com ela  
e rebolei-a no mar

Este é o seu filhinho  
que o salvei afinal  
nisto, no braço mostrou  
a ferida do punhal  
e disse: —Alto senhor  
me perdoi se obrei mal

Elesbão indignado  
lhe disse: —Fizeste bem  
porque quem mata uma fera  
cem anos de perdão tem  
não há crime nestes casos  
contra ti não vem ninguém

Vamos tratar de Cecilia  
como nas águas ficou  
valeu-se então de nadar  
um peixe a acompanhou  
era uma grande Toninha  
que dela se aproximou

Peixes ferozes a ela  
já não podiam chegar  
porque a toninha era  
sua defesa no mar  
e assim foi dando nas águas  
até um descanso achar

Assim com quase um quilômetro  
ela avistou um escolheu  
cheio de algas marinhas  
coberto todo de abrolhe  
Cecilia rumou a ele  
sem o tirar mais de olho

Já muito cansada e fraca  
Cecilia chegou ao canto  
sentou-se sobre os abrolhos  
e começou no seu pranto  
dizendo: —Agora meu Deus  
vou padecer outro tanto

Na ilha onde eu estive  
minha cadela ainda tinha  
hoje estou pior que lá  
pois aqui soffro sozinha  
sem ver terra e dentro d'água  
ó meu Deus! que vida a minha

Ó Deus se me perguntares  
se eu ainda esperanço  
com vida ver meu marido  
e ter na vida descanso  
se responderei meu Deus,  
que já morri, nada alcanço

Ainda mais te respondo  
 que minha fé a perdi  
 dum sopro tornei-me em nada  
 eu para mim, já vivi  
 passei às mãos do desprezo  
 de pouco a pouco morri

Sou lira desafinada  
 sou arpa que não arpejo  
 sou vida que não descanso  
 sou astro que não lampeja  
 sou barco que só conduz  
 as armas vis da peleja

Se vivo é quase sem vida  
 se já gozei desconheço  
 se rio é banhada em pranto  
 se já salvei-me padeço  
 se já alguém sofreu tanto  
 oh meu Jesus! não conheço

Se olho em volta de mim  
 só vejo do mar o manto  
 chega-me a fé de salvar-me  
 faço termo e me levanto  
 vejo que nada consigo  
 me sento no mesmo canto

Por muito esforço que faça  
 no fim se reduz em nada  
 porque se botar-me às águas  
 sou pelos peixes tragada  
 e assim vou nestes abrolhos  
 morrer como estou, sentada

Uns nascem para a ventura  
 eu nasci para penar  
 uns nascem para sorrir  
 eu nasci para chorar  
 e outros para viver muito  
 e eu morrer dentro do mar

Agora já conheci  
 que morro de sede e fome  
 água do mar não se bebe  
 lodo também não se come  
 só me falta agora a Deus  
 implorar seu santo nome

Meu Deus já estou liquidada  
 nada me resta senhor  
 aqui nas ondas do mar  
 ouvi meu triste clamor  
 perdão para as minhas culpas  
 dai-me o perdão salvador

Perdoai também as culpas  
 de meu pai, de meu irmão  
 do pastor e do vassalo  
 que me fizeram a traição  
 Senhor, perdoai-os a todos  
 que de mim têm o perdão

Perdão para o meu marido  
 que supõe que eu não existo  
 dai sossego a minha terra  
 meu amado Jesus Cristo  
 valei-me ó Virgem Santa...  
 não findou ficou só nisto

Pela fome esmagadora  
 ela caiu nos abrolhos  
 já quase morta assim mesmo  
 fez termo e abriu os olhos  
 daquelas folhas amargas  
 ainda comeu uns molhos

Já estava entregue a tudo  
 quando ali observou  
 um vulto vagar nas águas  
 mas não o diferenciou  
 quando deu fé a seus pés  
 um bote velho parou

De repente olhou o mundo  
 pra ver se enxergava a terra  
 a cinza densa da tarde  
 fazia-lhe a vista perra  
 com quase uma hora viu  
 a sombra de uma serra

—Graças a Deus, disse ela  
 —Vou sair desse atropelo  
 ali embarcou no bote  
 e partiu sem mas apelo  
 porém ao fechar-se a noite  
 o bote enrascou no gelo

Já não é fácil dizer-se  
 os tristes ais dessa escrava  
 tão cheia de esperança  
 o seu torrão procurava  
 quando deu fé, coitadinha  
 ficou pior do que estava

A noite fechou de tudo  
 o gelo forte crescia  
 Cecília tangia o remo  
 o bote nem se movia  
 depois o remo quebrou-se  
 lhe renovou a agonia

Com um pedaço do remo  
 Cecília pôde ficar  
 com ele tangia as águas  
 tornou então se quebrar  
 ficou fazendo das mãos  
 remos para se salvar

O que pode fazer  
 uma indigente cansada  
 no meio dum mar de gelo  
 aflitah, chorosa e molhada  
 com fome, com frio e sede  
 nada justamente, nada

Desgovernou-se nas águas  
 forças mais não possuía  
 água só tinha salgada  
 comer também não havia  
 de azul via o espaço  
 de verde só águas via

Passou finalmente a noite  
 naquela congelação  
 deitada dentro do bote  
 olhando para a amplidão  
 baixinho fazendo rogos  
 nascidos do coração

—Nasci num berço de dores  
criei-me entre os pesares  
a dor, a tristeza, o pranto  
são meus extremos lares  
meu fado foi o carrasco  
que sepultou-me nos mares

Ó mar tenebroso e forte  
que afogaste o grande Egeu  
por supor ter sido morto  
na luta, o filho Teseu  
não queira também matar  
uma infeliz como eu

Já fraca, faz trinta horas  
que me vejo aqui batendo  
tratando de me livrar  
deste aguaceiro tremendo  
mas nada, nada consigo  
e sempre findo morrendo

Que sorte tenho, ó meu Deus  
que tude de mim se esconde  
se como não sei o que  
se durmo não sei aonde  
se choro ninguém me afaga  
se chamo ninguém responde

Ó mar, se algum dia ainda  
passar aqui povo meu  
revele uma desdita  
que assim jamais se deu  
dizei que dentro de ti  
Cecilia Afra morreu

Na vida o que mais me doi  
é não ver mais meu filinho  
sofrer das lástimas do mundo  
ainda pequenininho  
teve a dita que eu tive  
também levou descaminho

Nasceu num berço tão rico  
e tão veloz se acabou  
efêmera foi sua vida  
depressa veio e voltou  
eu também sou mesmo assim  
sou eu, mas não sei se sou

Já não convém meus lamentos  
pois aqui ninguém mais passa  
que me socorra e que chore  
a minha triste desgraça  
não acho um filho de Deus  
que o benefício me faça

Nisto uma águia que passava  
pousou ali meia zote  
trazendo nas suas garras  
os restos dum cachalote  
vendo Cecilia, espantou-se  
deixando o peixe no bote

Destroçada já da fome  
sempre no bote se ergueu  
sem sal, sem fogo, sem nada  
rasgou o peixe e comeu  
depois atacou-lhe a sede  
fez do geio água e bebeu

Tomou alento que fosse  
 botou as mãos a remar  
 eoitada, nada fazia  
 era em vão seu pelear  
 e assim passou quatro dias  
 sujeita ao rigor do mar

Nes cinco dias pegou  
 aparecer bons sinais  
 o gelo foi se extinguindo  
 o mar recobrou a paz  
 o bote pegou jogar-se  
 Cecilia alegrou-se mais

O vendaval talentoso  
 pegou soprar violento  
 Cecilia baixou nas águas  
 os braços com mais alento  
 e assim foi levando o bote  
 por seus esforços e o vento

E assim com muita luta  
 em uma praia encostou  
 um pescador que pescava  
 com ela então encontrou  
 inquiriu saber-lhe o caso  
 e-la tudo enfim contou

Vendo o pescador que ela  
 descendia da nobreza  
 levou-a pra sua casa  
 compungido de triste  
 ofereceu-lhe seus préstimos  
 conforme a sua pobreza

Cecilia lhe disse: -- Eu quero  
 ser pelo senhor valida  
 vou usar roupas de homem  
 e viver assim vestida  
 e meu nome será Jorge  
 para não ser conhecida

Afinal mudou de trajas  
 ficou um rapaz vistoso  
 inventou contar estória  
 que se chama de trancoso  
 naquelas noites folgadas  
 de luar delicioso

Por Jorge naquela praia  
 Cecilia se conhecia  
 nunca contou sua vida  
 e nem d'onde procedia  
 só ali o pescador  
 era o único que sabia

Ela do destroço, apenas  
 o dinheiro aproveitou  
 comprou roupas de rainha  
 ocultamente as guardou  
 preveniu-se para o tempo  
 e descansada ficou

Voltemos ao marceneiro  
 o pai de Jorge ou Cecilia  
 com dez meses terminou  
 a construção da mobília  
 e não voltou mais a Grécia  
 por lá não ter mais família

Partiu em rumo da Síria  
tal foi a ocasião  
que foi parar na batalha  
que estava D. Elesbão  
entraram em conhecimento  
e abriram conversação

Com pouco chegou o padre  
que Cecilia traiu  
aumentou mais as pessoas  
a conversa progrediu  
todo tópico da conversa  
sobre Cecilia caiu

D. Elesbão inocente  
de todo caso passado  
nada disse e retirou-se  
ficando o padre atacado  
com o compadre e dizendo-lhe:  
—O que acha de agrado?

Na outra semana, a guerra  
terminou sem impecilho  
D. Elesbão retirou se  
tendo da vitória o brilho  
aonde voltou com ele  
o marceneiro e o filho

Com alguns dias de rota  
o barco então enraçou  
no gelo aonde Cecilia  
os cinco dias passou  
mas graças, o outro barco  
que a tripulação salvou

Vieram aportar na praia  
aonde Cecilia estava  
ela conhecendo a todos  
mais e mais se disfarçava  
dizia: —Pra tudo há tempo  
com tempo tudo se cava

Tomou a tripulação  
à casa dum mercador  
muito vizinho e amigo  
do humilde pescador  
aonde estava Cecilia  
o tendo como tutor

Os reis são os mais ingênuo  
neste sentido que falo  
pra anedotas e contos  
têm bastante regalo  
sabendo deste rapaz  
depressa mandou chamá-lo

Aonde Jorge, o chamado  
chegando disse: —Senhor  
minhas estórias são simples  
e de baixíssimo valor  
já não me convém contá-las  
pra um Alto Imperador

O rei olhou o rapaz  
e disse dentro de si:  
—Eu não me lembro onde foi  
que este homem eu já vi  
só me parece ser gente  
d'os mundos onde eu nasci

D. Elesbão disse: —Vamos.  
 Jorge disse: —Em qualquer coisa  
 eu vou contar uma história  
 que trago escrito na lousa  
 dita história se intitula  
 “Três Suspiros duma Esposa”.

Havia num certo reino  
 um marceneiro afamado  
 Viúvo, pai duma filha  
 e de um filho formado  
 honrado e de bons costumes  
 no lugar conceituado

Dá-se que a outro reino  
 foi chamado o marceneiro  
 pra fazer uma mobília  
 de um sultão estrangeiro  
 o marceneiro ciente  
 foi ganhar esse dinheiro

O filho levou consigo  
 no barco “Sampaio A-dre”  
 a filha ficou em casa  
 sob o poder de um padre  
 que era padrinho dela  
 e seu distinto compadre

Este padre certa noite  
 foi se ter com a afilhada  
 em matérias de amor  
 ela deu-lhe uma “furada”  
 o padre para vingar-se  
 levantou-lhe uma cilada

Escreveu logo ao compadre  
 lhe dizendo que a filha  
 estava contra o dever  
 em uma maldita trilha  
 o que queria por tudo  
 bctá-lo numa armadilha

Recebendo o velho a carta  
 leu e releu a missiva  
 mandou um filho matá-la  
 ele foi sem voz ativa  
 mas vendo ser inocente  
 a irmã, deixou-a viva

Apenas foi desterrá-la  
 numa ilha grande e bela  
 depois um príncipe caçando  
 achou a dita donzela  
 levou-a para o palácio  
 e depois casou com ela

Nisto brada o marceneiro:  
 — Faça ponto meu amigo  
 que história é esta sua  
 que só dá certo comigo?  
 pois Cecília, a minha filha  
 foi quem viu-se em tal perigo

Disse o padre: —Qual compadre  
 não queira perder o tino  
 esta história eu a conheço  
 desde de muito pequenino  
 siga Jorge a tua história  
 seu trabalho é belo fino

—Belo e fino não senhor  
disse El-rei se demorando:  
—Eu ostou nesta enrolada  
que aqui estou notando  
moço vamos, conte o resto  
que eu estou me vexando

Nesta conversa, o vassalo  
quiz arribar do salão  
se fingindo está com sono  
sem encontrar posição  
D. Elesbão disse: —Tenha  
mais alguma educação

Jorge prosseguiu de novo:  
—Com uns dois anos se aferra  
uma questão contra o reino  
querendo tomar-lhe a terra  
não havendo outro recurso  
lá se foi o príncipe a guerra

Depois do príncipe na guerra  
a mulher mandou buscar  
por um vassalo infiel  
que a tentou conquistar  
mas devido ela ser forte  
ele jogou-a no mar

Sofreu muito sobre as águas  
mais foi Deus seu protetor  
cinco dias sobre o mar  
ela viu o céu se pôr  
e ultimamente foi salva  
pelas mãos dum pescador

Pronto Sua Magestade  
esta é a minha história  
queira o senhor desculpar  
se não foi satisfatória  
pois esta é a mais bonita  
que eu conduzo em memória

D. Elesbão que já estava  
sem encontrar mais abrigo  
disse: —Moço, a tua história  
só tendo sido comigo  
te assenta perto de mim  
quero conversar contigo

Nisto brada o marceneiro:  
—Vamos ter grande destroço  
Sua Alteza diz que está  
na história deste moço  
eu digo também que estou  
e o mexido vai ser grosso

Levanta-se o El-rei e diz:  
—A coisa está declarada  
eu casei com uma moça  
que achei numa caçada  
depois por este vassalo  
nos mares foi devorada

Se tem padre na história  
disto eu não conheço bem  
nisto o padre abriu a boca  
disse o marceneiro: —Tem  
e é este que está conosco  
ouvindo a história também

Aperto de horas críticas  
se achava os desgraçados  
ficaram bestas e sonsos  
como dois alienados  
sem fitarem pra ninguém  
nas intonações dos brados

D. Elesbão disse: — Padre  
dê a sua opinião  
respondeu ele: — Dou já  
isto é superstição  
quem crer em Deus não apoia  
mentira, asneira, ilusão

-- Muito bem, disse o vassalo,  
isto assim tem qualidade  
do que se crer numa história  
sem originalidade  
e mais, se julgar que ela  
seja o cúmulo da verdade

D. Elesbão disse: Moço  
me diga se esses horrores  
foram passados com alguém  
ou se são réus negadores  
diz Jorge: — Foram passados  
comigo e com os senhores

Já não é fácil dizer-se

a posição que ficaram

D. Elesbão retirou-se

os outros todos pasmaram  
e o pastor com o vassalo  
a boca não mais fecharam

Nisto Jorge fez saída  
mas dizendo que já vinha  
chegando em casa tomou  
as roupas reais que tinha  
que quando se apresentou  
em vez dele, uma rainha

Tudo aluiu-se dos cantos  
até a própria mobília  
vendo Cecilia dizer:

— Eu sou a mártir Cecilia  
que por capricho da sorte  
me separei da família

Conheço todos aqui,  
este aqui é meu marido  
este outro é meu irmão  
e este é meu pai querido  
esta criança é meu filho  
a quem tenho amor subido

Este aqui é meu padrinho  
que construiu-me a traição  
este outro é o vassalo  
que obrou a mesma ação  
nisto o monstro deu um grito  
e caiu morto no chão

O padre vendo o vassalo  
morrer estantaneamente  
deu um tombo, caiu duro,  
sem sentido inteiramente  
com duas horas ou mais  
foi que voltou novamente

D. Elesbão logo ali,  
 quiz degolar o pastor  
 porém Cecília pediu-lhe  
 que não fosse vingador  
 deixasse que Jesus Cristo  
 era o melhor julgador

Rolava prazer nas faces  
 de pai, irmão e marido  
 se desvendou o segredo  
 o ódio foi corrompido  
 pois o problema da sorte  
 só Deus o traz resolvido

Continuaram a viagem  
 pois tinha o gelo baixado  
 o padre depois morreu  
 todo penitenciado  
 o vassalo foi no barco  
 no reino foi sepultado

Cecília ao pescador,  
 deu avultados valores  
 dinheiro, jóias e roupas  
 em lembrança dos favores  
 que em vez de pescador  
 foi senhor dos pescadores

Cecília venceu da sorte  
 a dura e negra sentença  
 foi premiada nas lutas  
 com o dom da recompensa  
 morreu de velha na corte  
 e jamais sofreu ofensa FIM

2949

**FOLHETARIA CASA DOS HORÓSCOPOS**

Mantém um ótimo sortimento de Romances e folhetos populares adquiridos por compra ao autor JOAQUIM BATISTA DE SENA, já conhecidos como os melhores da LITERATURA DE CORDEL.

**João Mimoso e o Castelo Maldito**

**Braz e Anália**

**Os Valentões do Teixeira**

**Manoel Machado**

**João Corajoso no Reino Não Vai Ninguém**

**Os Sofrimentos de Emília**

**Pedrinho e Julhinha**

**Elias e Antonieta**

**A Princesa Adalgisa**

**A Duquesa Estelita**

**Napoleão e Elvira**

**Entre o Amor e a Espada**

**Rogaciano e Ritinha**

**O Rei Teimoso**

**Os Três Suspiros de uma Esposa**

**Francisco do Vale e Maria Romana**

**O Louco do Cemitério**

**Vicente e Guiomar**

**A Morte Comanda o Cangaco**

**O Filho do Caçador**

**O Sinal da Cruz**

**Aprígio Coutinho e Neuza**

**O Dragão de Três Cabeças**

**"ALMANAQUE O JUIZO DO ANO"**

E mais uma grand· variedade de folheteos de 16 e 8 páginas No mesmo endereço você ainda encontrará seu HORÓSCOPO

**Manoel Caboclo e Silva**

**Rua Todos os Santos, 263**

**JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ**